

ANTES, AGORA, AQUI E LÁ: DECOLONIZAÇÃO E MÍDIAS DIGITAIS NAS OBRAS DE TRUDRUÁ DORRICO E LEANNE BETASAMOSAKE SIMPSON

LORENZA BORBA SANTOS¹;
RUBELISE DA CUNHA²

¹Universidade Federal do Rio Grande – lorenzaborbas@hotmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – rubelisecunha@furg.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa desenvolvida durante o mestrado em Letras - História da Literatura, centrada nas Literaturas Indígenas Contemporâneas de autoria feminina no Brasil e no Canadá. A análise foca nas obras de Trudruá Dorrico, do povo Macuxi, e Leanne Betasamosake Simpson, do povo Nishnaabeg. O objetivo é explorar o uso das redes sociais para popularizar a escrita e as possibilidades multimidiáticas que ambas as autoras empregam, ultrapassando as noções tradicionais de gêneros literários em suas performances narrativas.

A escrita indígena, dentro do entendimento ocidental através de publicações, foi crescente a partir dos anos 1970, com a Native Renaissance no Canadá, e no Brasil com a organização do Movimento Indígena. Quem nos explica mais sobre as características específicas de autoria e performatividade no espaço brasileiro é Lynn Mario T. Menezes de Souza no texto *Que história é essa? A escrita indígena no Brasil* (2003). Souza argumenta que a escrita indígena não se limita às letras em um papel, mas é uma forma de interação semiótica, presente em grafismos desde antes da colonização, especificamente se valendo da contextualização de Mignolo (1995) como “parte do comportamento comunicativo humano de transmitir e trocar signos; ou seja, uma forma de interação semiótica pela qual uma ação das mãos (com ou sem instrumento) deixa traços numa superfície qualquer” (Souza, 2003, p. 1). Assim, mostrando que a escrita indígena esteve presente na história, por forma de grafismos, desde antes dos colonizadores mandarem suas cartas ao rei de Portugal. A performatividade, por sua vez, é explicada como um ato social e dinâmico, dependendo de uma audiência que ativamente interage com a narrativa. São aplicadas técnicas específicas nessa oralidade, relacionadas à fala em si, que acabam se perdendo ao passar para o que chama de “produto escrito”.

Ao discutir sobre a influência digital para o ativismo indígena e para a literatura indígena em si, utilizaremos o artigo *A literatura indígena brasileira e as novas tecnologias da Memória: da tradição oral à escrita formal e à utilização de mídias digitais* de Trudruá Dorrico (ou Julie Dorrico). Ela introduz a ideia de etnomídia, que “compreende a veiculação de notícias referentes aos povos tradicionais em variadas categorias, ou seja, trata-se, podemos assim dizer, da propagação da voz e do modo de dizer especificidades indígenas publicadas nos mais diferentes meios de comunicação.” (DORRICO, 2017, p. 131). De forma similar ao entendimento que a adesão à escrita oferecia um espaço para que conseguissem ser ouvidos e não perdessem suas histórias tradicionais para o futuro, a utilização das mídias digitais segue a mesma lógica. Esses contadores de história se apropriam das ferramentas disponibilizadas ali e as ressignificam, mantendo suas tradições e utilizando um novo sistema que, cada vez mais, faz parte do cotidiano

global(DORRICO, 2017). A autoria da geração atual busca mostrar a pessoa indígena de hoje, não presa a estereótipos antiquados e preconceituosos do que é ser indígena e quem é o indígena no mundo, incorporando a realidade atual e o peso da ancestralidade.

Dito isso, a presente pesquisa justifica-se de forma a trazer luz a produções atuais de autoria indígena feminina contemporânea e suas características marcantes. Além do fato da existência da Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, que tornou obrigatório o estudo de história afro-brasileira e indígena nas escolas de ensino público e privado, nos currículos universitários, que formam professores para essas escolas, não existe essa obrigatoriedade. Dorrico e Danner (2018, p. 77) assim, argumentam que “a ausência da literatura indígena, nos currículos do ensino, legitima e fomenta a exclusão social do indígena na História, sujeitando-o ao exílio epistemológico e anulando a possibilidade de reconhecer sua presença enquanto sujeito/protagonista”

2. METODOLOGIA

A metodologia dessa pesquisa foi de caráter bibliográfico, através de análises das obras das duas autoras utilizando material teórico específico de literatura indígena, o qual inclui crítica teórica desenvolvida pelas próprias autoras, além das contribuições já listadas anteriormente.

Os procedimentos gerais dessa pesquisa incluem a definição final do corpus de análise; definição do aporte teórico sobre literatura indígena feminina, canadense e brasileira; análise do corpus literário com base no aporte teórico; e análise contrastiva entre as obras das autoras dos dois países.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As obras de Simpson e Dorrico são elaboradas enquanto performance, por serem construídas tendo em mente as apresentações orais. Simpson apresenta uma obra transmidiática, pensada também para ser apresentada em forma de músicas e vídeos, como é possível encontrar no álbum *F(l)ight*, a versão musical do livro *This Accident of Being Lost*, e também compilado em seu site na área “Video + Short Film”. No aplicativo de streaming de músicas Spotify também é possível encontrar as suas obras *Island of Decolonial Love* e *The Gift is in the Making*, em forma de audiolivros completos. Em seu site oficial, a autora é descrita nesta obra como “provocativa e poeta, ela faz uma realidade decolonizada renascer continuamente, uma que circula dentro e fora do tempo e resiste a narrativas dominantes ou categorizações confortáveis.”

Por outro lado, a obra de Dorrico possui a hibridização com os elementos da contação de histórias e a mistura de narrativo e lírico, junto com as ilustrações de Gustavo Caboco complementando a parte escrita. Segundo o prefácio de Daniel Munduruku para a obra, “Julie Dorrico fez o caminho de esvaziar-se para ser preenchida pela memória e pelo pertencimento. Essas duas coisas estão presentes nos escritos poéticos e imagéticos que as palavras escritas agora dão forma.” (MUNDURUKU, In: DORRICO, 2019, p. 9). Dorrico, que recentemente adotou o nome ancestral Trudruá, também têm utilizado a rede social Instagram, em seu perfil @trudruadorrico para fazer postagens de poemas diretamente na plataforma.

Ambas utilizam suas redes sociais para a popularização das suas obras e para promover o ativismo indígena de forma global. Trudruá Dorrico administra uma página no Instagram chamada @leiamulheresindigenas, além do seu perfil pessoal, em que busca promover a literatura produzida por mulheres indígenas. Já Simpson, compartilha suas músicas, performances e vídeos através do Youtube, também disponibilizando palestras em eventos e alguns de seus livros em forma de áudio.

4. CONCLUSÕES

As novas gerações de escritoras e contadoras de histórias indígenas trazem com mais força e características da atualidade, influências das tecnologias e novas mídias, porém mantendo um centro em comum com as suas antecessoras. Através dessas novas mídias que a internet oferece para que os povos originários, não somente recebam informações, mas que produzam e disseminem diretamente, sem mediações, com suas próprias vozes, suas demandas, suas culturas, suas histórias e estórias. Assim, testemunhamos a construção de territórios digitais, imaginados e sonhados, compartilhados de norte a sul de Abya Yala, construindo a constelação de resistência nativa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DORRICO, Julie. A literatura indígena brasileira e as novas tecnologias da Memória: da tradição oral à escrita formal e à utilização de mídias digitais. **Littera Online**. p.113-139. v. 8 n.14, 2017. Disponível em <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/8119>. Acesso em 27/07/2023.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco. A palavra da tradição oral à tradição escrita: a literatura indígena na universidade do século XXI. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 7, n.1, p. 75-98, 2018.

LEANNE BETASAMOSAKE SIMPSON. **This Accident of Being Lost**. Books. Disponível em: < <https://www.leannesimpson.ca/book/this-accident-of-being-lost>>. Acesso em 27/07/2023.

LEANNE BETASAMOSAKE SIMPSON. **Video + Short Film**. Disponível em: <<https://www.leannesimpson.ca/video-short-film>>. Acesso em 27/07/2023.

LEIA MULHERES INDÍGENAS. @leiamulheresindigenas. Perfil do Instagram Disponível em: < [instagram.com/leiamulheresindigenas/](https://www.instagram.com/leiamulheresindigenas/)>. Acesso em: 27/07/2023.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Que história é essa? A escrita indígena no Brasil. In: SANTOS, Eloína Prati dos (org.). **Perspectivas da literatura ameríndia no Brasil, Estados Unidos e Canadá**. Feira de Santana: UEFS, 2003. p. 123-137.

TRUDRUÁ DORRICO. @trudruadorrico. Perfil do Instagram. Disponível em: <[instagram.com/trudruadorrico/](https://www.instagram.com/trudruadorrico/)>. Acesso em: 27/07/2023.

SIMPSON, Leanne Betasamosake. **F(l)ight**. RPM Records. 2016. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_neGhXYWuWBXbuGvOjiwRSTmeInTi7LrYI>. Acesso em: 27/07/2023.

SIMPSON, Leanne Betasamosake. **Islands of Decolonial Love** [Stories & Songs] (Unabridged). Tantoo Cardinal. Winnipeg: ARP Books, 2019. Audiolivro. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/2gi7Z4gvq9TtC7LfBXAuAc>>. Acesso em: 27/07/2023.

SIMPSON, Leanne Betasamosake. **The Gift is in the Making** [Anishinaabeg Stories] (Unabridged). Tiffany Ayalik. Manitoba: HighWater Press. 2020. Audiolivro. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/album/1tsTkQ1GsRenZLmjB9t1Ft>>. Acesso em: 27/07/2023.